

O “deserto (que) funda”: a figura polissêmica do sertanejo na obra *Pedra do Reino* de Ariano Suassuna¹

Juliana Rodrigues Morais²

Resumos: Este trabalho apresenta de início os olhares dicotômicos produzidos sobre o sertão e seus personagens, onde a perspectiva negativa da região e de seus habitantes perpassa pelas narrativas da literatura nacional em que a nação e modernidade, muitas vezes, se colocavam em polos opostos em relação ao Nordeste. Uma proposta de leitura da figura do sertanejo pela perspectiva de Ariano Suassuna, mais especificamente pela sua obra *A Pedra do Reino*, problematiza tais arranjos apresentando em seu conteúdo histórico, na forma e como produção do pensamento social, uma linguagem que consagra não somente o autor, mas a literatura brasileira e principalmente o sertanejo, edificado positivamente na narrativa brasileira.

Palavras-chave: Ariano Suassuna; *A Pedra do Reino*; literatura; pensamento social brasileiro.

O objetivo desta comunicação é empreender reflexões introdutórias e fornecer um quadro de contextualização referente ao projeto de pesquisa: “O deserto (que) funda”: O sertanejo revisitado no *Romance D’a Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* de Ariano Suassuna”, financiado pela Faperj.

Gostaria, em primeiro lugar, de expor o lugar social de onde falo, tendo em vista que é desse lugar que parte a minha análise. Nasci e morei a maior parte da vida em Vitória da Conquista, cidade encravada no sertão da Bahia, terra do cineasta Glauber Rocha e do maestro e cantador Elomar Figueira. Há três anos me mudei para o Rio de Janeiro e, em que pese à distância geográfica, foi a partir dessa mudança que pude me aproximar e perceber particularidades do universo sertanejo. Senti essa aproximação quando adentrei no curso de sociologia da Universidade Federal Fluminense, ao me deparar com o campo do pensamento social brasileiro. Nesse campo, pude problematizar aspectos importantes acerca da construção

¹ Artigo produzido no âmbito do projeto de pesquisa intitulado “O deserto (que) funda”: O sertanejo revisitado no *Romance D’a Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* de Ariano Suassuna”, financiado pela Faperj.

² Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

simbólica do ser-sertanejo no âmbito literário, tomado como objeto de estudo pelas ciências sociais. O discurso crítico da sociologia me levou, então, a refletir sobre as limitações e as reduções inerentes ao conceito de sertanejo tal como construído no imaginário social brasileiro ao longo de um período que vai desde a fase colonial até o presente, ainda que com diferentes matizes de sentido.

O Ser Sertanejo: Construções Discursivas

A percepção sobre o sertanejo que emerge no imaginário social, sobretudo a partir dos anos 1930, vincula-se a desdobramentos interpretativos direta ou indiretamente ancorados na visão de Euclides da Cunha de uma nação Brasil cindida entre dois espaços físicos e existenciais: o Brasil do sertão e o Brasil do litoral. Essa percepção pode ser enquadrada em duas dimensões fundamentais, aparentemente contraditórias, e que pretensamente esgotam o ‘ser sertanejo’: (i) de um lado, o sertanejo enquanto um *ser de ausências*, (ii) e de outro, o sertanejo enquanto uma projeção utópica da brasilidade autêntica. Essas duas dimensões discursivas, cuja fidelidade à intencionalidade originária de Euclides da Cunha é questionável, ora idealizam o espaço do sertão como expressão da autêntica nacionalidade brasileira, ora o associam ao atraso cultural, à barbárie³. Conforme nota, Nísia T. Lima:

Sertão e litoral representam os contrastes de uma sociedade vista como o principal problema a ser investigado, e que foi objeto de diferentes tentativas de interpretação. A ideia de um país moderno no litoral, em contraposição a um país refratário à modernização, no interior, quase sempre conviveu com concepção oposta, que acentuava a autenticidade do sertão em contraste com o parasitismo e a superficialidade litorâneos. (LIMA, 1999, p. 17)

A dimensão discursiva que afirma o sertanejo enquanto um ser de ausências confere ao seu espaço de ocupação a marca de um atraso cultural. Nesse contexto, o sertão passa a ser interpretado segundo a ótica da modernidade e suas orientações universalizantes, acarretando, com isso, a marginalização e a desqualificação das singularidades e especificidades locais. Um exemplo manifesto dessa orientação interpretativa é o sociólogo Florestan Fernandes que percebe o sertão enquanto espaço de resistência à modernização⁴. Lúcia Lippi Oliveira descreve essa condição de atraso com as seguintes palavras:

³ Cf. Nísia Trindade Lima. *Um sertão chamado Brasil*, 1999, p. 14.

⁴ Idem, p. 171.

As definições de sertão fazem referência a traços geográficos, demográficos e culturais: região agreste, semi-árida, longe do litoral, distante de povoações ou de terras cultivadas, pouco povoada e onde predominam tradições e costumes antigos. Lugar inóspito, desconhecido, que proporciona uma vida difícil [...]. (OLIVEIRA, 1998, p.196)

O sertanejo das ausências consolida-se, assim, num contexto histórico que envolve a participação de burocratas e intelectuais num projeto de construção da modernização no Brasil. Diagnosticado como ser irracional apegado a tradições supostamente negadoras da modernidade, o sertanejo passa a constituir alvo privilegiado de uma intervenção do Estado e de uma vanguarda intelectual oriunda, principalmente, das esferas das ciências sociais e das ciências econômicas. Como afirma Nísia Trindade:

Tratava-se, em síntese, de defender a adoção pelo governo e pelas administrações locais de técnicas sociais, informadas por trabalhos de especialistas da área de ciências sociais, capazes de subsidiar ‘uma política de controle e orientação, na medida do possível, dos processos sociais’ [...]. (LIMA, 1999, p. 171)

A segunda dimensão discursiva sobre o sertanejo, a saber, o discurso que afirma o sertanejo enquanto projeção utópica da brasilidade autêntica deriva, de forma mais imediata, da afirmação de Euclides da Cunha de que, não obstante as mazelas do atraso social, o sertanejo é, antes de tudo, ‘um forte’, i.e., um ser pleno de potencialidades criativas. Essa interpretação ‘positiva’, entretanto, vai muito além do caráter localista que possivelmente teria em Euclides, e assume o caráter de uma qualidade homogeneizante que caracterizaria o autêntico ser brasileiro. Como mostra Nísia Trindade, essa perspectiva é particularmente manifesta na obra do sociólogo Guerreiro Ramos.⁵

Como vimos acima, tanto os elementos da ausência quanto os elementos da utopia nacional revelam o sertão como um espaço geográfico e simbólico definido a partir de elementos extrínsecos de caráter ideológico, a saber, a modernidade e a nação. Com isso, esses discursos permanecem no plano das aparências e refratários à apreensão da polissemia do sentido que constitui, de forma intrínseca, o ser-no-mundo que se esconde por detrás do ‘sertanejo’ enquanto mero conceito homogeneizante.

⁵ LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*, 1999, p. 156.

O Ser Sertanejo: Polissemia de Sentido

Ao me deparar com a posição que o sertanejo ocupa nos discursos acima referidos, tive um estranhamento, que me permitiu sublimar um olhar não só particular, mas, sobretudo intuitivo. Esse olhar busca e reivindica a observância de uma outra leitura do *ser-sertanejo* e um lugar diferenciado de possibilidades.

Ancorada nessa percepção intuitiva, a escolha metodológica e conceitual proposta está fundamentada numa compreensão hermenêutico-fenomenológica, segundo a qual *o sujeito se dá a si mesmo no conhecimento do objeto*⁶, numa implicação mútua. Assim, as pressuposições e valores ideológicos se tornam alicerces fundamentais para a formulação das inquirições que norteiam a discussão. Paul Ricoeur, indaga:

[...] de que lugar fala o pesquisador numa teoria da ideologia generalizada? É preciso que confessemos: este lugar não existe. E existe ainda menos que numa ideologia restrita, onde só o outro está na ideologia. Desta feita, porém, o cientista sabe que também está preso à ideologia. [...] a pretensão weberiana de se chegar a uma sociologia *wertfrei*, axiologicamente neutra, é um engodo [...]. (RICOEUR, 1990, p. 89)

Nessa perspectiva, pude problematizar o meu objeto de investigação por pressupor que determinadas abordagens, sobretudo no campo das ciências sociais, não partiam da experiência de mundo do sertanejo, ficando apenas no campo das aparências. Desse modo, essa compreensão não se dá na apreensão do objeto em si, mas na possibilidade de elaboração temática desse ser-no-mundo⁷.

Numa busca incessante de enquadrar o sertanejo no contexto moderno, ignora-se que há um sentido existencial por detrás desse sujeito, muito além do conceito homogeneizante de um ente socioeconômico. A problemática da identidade nacional se apresenta nessa conjuntura buscando estabelecer uma ideia de unidade já que, como sublinha Durval Muniz de Albuquerque, “para a visão moderna, a identidade é uma essência que se opõe à diferença, vista como superficial, ela é um ‘ser’, uma visão invisível e central”.⁸

Partindo desta sucinta abordagem acerca das percepções do espaço social do sertanejo, a análise que se segue busca, de certa maneira, compreender os elementos estruturantes da experiência desse sujeito local, projetando-o enquanto universo-narrativa, mundo-texto,

⁶ RICOEUR, Paul. Interpretação e Ideologias, 1990, p 34.

⁷ Cf. RICOEUR, Paul. Interpretação e Ideologias, 1990, p. 29-42.

⁸ ALBUQUERQUE, 2010, p.62.

dotado de múltiplos sentidos que se integram organicamente e de forma relativamente coerente. Nas palavras de Durval Muniz de Albuquerque⁹:

Por que perpetuarmos este Nordeste que significa seca, miséria, injustiça social, violência, fanatismo, folclore, atraso cultural e social? É preciso fugir do discurso da súplica ou da denúncia da miséria; é preciso novas vozes e novos olhares que compliquem esta região., que mostrem suas segmentações, as cumplicidades sociais dos vencedores com a situação presente deste espaço. Se o Nordeste foi inventado para ser este espaço de barragem da mudança, da modernidade, é preciso destruí-lo para poder dar lugar a novas espacialidades de poder e saber. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 352)

É precisamente com a intenção de apresentar e refletir sobre as “novas vozes e novos olhares que compliquem esta região” e de libertar o sertanejo das determinações nacionais e seu principal subproduto – a saber, o regionalismo enquanto espaço marcado pela doença do atraso - que se institui a preocupação central desta pesquisa. Sustentamos a possibilidade de que novos olhares sociológicos se encontrem nos espaços da literatura ficcional e, em especial, nas obras de escritores como João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa e Ariano Suassuna. Imunes ao paradigma normativo da ‘nação’ e aos regionalismos do sertanejo ‘oprimido’¹⁰, esses escritores lograram resgatar, em suas obras, um sentido de pluralidade local para o ‘ser forte’ do sertanejo de Euclides da Cunha. É no universo desta ficcionalidade, de fundo memorial, que se expressa, de forma privilegiada, essa polissemia de sentido e as nuances de uma sociologia fenomenológica. Enquanto suporte empírico e auto-reflexivo, essa literatura apresenta-se como caminho privilegiado para a desconstrução do paradigma da ‘nação’/‘região’, tornando-se um campo fértil para pensar o mundo vivido do sertanejo.

Foi precisamente no bojo dessa reflexão crítica que descobri a obra do ‘palhaço-professor’ paraibano Ariano Suassuna. Minha intuição dizia que era esse o ‘sertanejo’ que me permitiria pensar, sociologicamente, acerca do meu próprio mundo. Intelectual orgânico do sertão, Suassuna nos ajuda a pulverizar o espaço discursivo da marginalidade, da irracionalidade e do arcaísmo, e nos faz mergulhar no universo singular de uma comunidade que tem voz própria e que fala por si. Suas obras, enquanto porta-vozes de uma comunidade ‘sertaneja’, consagram Suassuna como um hermeneuta da tradição local. Contrapondo-se aos discursos que homogeneízam o sertanejo, a narrativa ficcional de Ariano Suassuna - em

⁹ Note-se que a palavra ‘Nordeste’ está aqui investida de um sentido equivalente à ideia de ‘sertão’.

¹⁰ É o caso do regionalismo de Graciliano Ramos. O universo sertanejo, áspero e seco, desse homem de poucas falas – tal qual seu personagem Fabiano de *Vidas Secas* - não oferece elementos significativos para esta análise.

especial as obras *Auto da Compadecida* (1955), *A Pena e a Lei* (1959), e *Romance d'a Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do vai-e-volta*¹¹(1971) - transporta-nos para o universo cotidiano de um 'sertanejo' local, de um ser cuja retaguarda sócio-existencial vai muito além da construção homogeneizada. Suas obras se movem através de num espaço de narrativas míticas e práticas imaginativas, positivas e afirmadoras. É a partir dessa experiência local e suas práticas criadoras, que Suassuna faz do sertão um palco dramático de edificação e realização das potencialidades da condição humana.

Ariano Suassuna e a *Pedra do Reino*

Dentre as obras de Ariano Suassuna, elegi aquela que o próprio autor considera sua obra capital, aquela na qual ele se expressa de forma mais completa¹²: a *Pedra do Reino*. Esse romance me fez adentrar o universo que creio compartilhar com Suassuna: o 'deserto' que "não só fala a língua do não" e que 'funda' mundos.¹³ Desse modo, a partir da análise da obra do 'sertanejo' Suassuna que consagra a narrativa como um olhar refinado e estético sobre o seu próprio universo singular, e da minha própria experiência de existir num universo paralelo, buscarei compreender os meandros complexos que permeiam o sentido profundo desse ser plural que se esconde sob a denominação de 'sertanejo' dando-lhe voz própria, i.e., adentrando criticamente os elementos existenciais que o constituem de fato, muito além dos elementos extrínsecos da categorização redutora de um ser marcado pela seca.

A singularidade da obra *Pedra do Reino* está no fato de que ela aponta para uma potencialidade sociocultural local e que deixa transparente os elementos criativos que vivificam a identidade que lhe é correlata e que se expressam, textualmente, através das referências à literatura de cordel, à história oral, aos mitos, às cantorias, entre outros. Publicado em 1971 e ambientado no "sertão dos Cariris Velhos da Paraíba do Norte", o romance narra em primeira pessoa a saga de um herói quixotesco auto intitulado Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna. Dinis narra a genealogia de um reino sertanejo –um "Brasil real" e intrinsecamente plural em contraste com o "Brasil oficial". O Brasil real de Suassuna se

¹¹ Doravante *Pedra do Reino*.

¹² Ver entrevista concedida à Carta Escola. Disponível em: <<http://www.cartanaescola.com.br/single/show/379>>.

¹³ Cf. João Cabral de Melo Neto 'Pedra do Reino' In. *Obra Completa*, 1994.

afirma como território de realização das potencialidades de uma comunidade ‘oficialmente’ tida por tradicional, degenerada, arcaica, e representante das debilidades de um Brasil que supostamente resiste à modernidade e ao progresso.

O estilo narrativo da *Pedra do Reino* possui um caráter memorial. Acusado de envolvimento no assassinato de seu tio e padrinho Dom Pedro Sebastião Garcia-Barretto, o narrador-protagonista Dinis é instado a prestar depoimento junto às autoridades. Este depoimento constitui o cerne da narrativa que se passa num período de apenas 24 horas. Em sua defesa, Dinis reconta, retrospectivamente, todos os eventos de sua vida e da edificação do reino do qual ele mesmo é herdeiro legítimo. Nessa imbricação entre narração e criação, entre linguagem e manifestação de um mundo, Suassuna nos mostra que a edificação do reino por parte de Dinis coincide com a realização de sua obra máxima que é a própria obra *Pedra do Reino*, e que o consagraria como Gênio Máximo da Humanidade.

O contexto mítico-histórico que estrutura a dinâmica e o conteúdo da narrativa de constituição do reino está ligado a dois movimentos sociais ocorridos no sertão brasileiro, a saber, o Movimento da Pedra do Reino, que objetivava a criação de um reino messiânico de fundo sebastianista na região de Pernambuco e que perdurou por um período de dois anos de 1836 a 1838¹⁴; e a Revolta de Princesa que objetivava a criação de um território independente na região da Paraíba em 1930. Dentre as fontes utilizadas por Suassuna destacam-se: (i) a literatura de cordel; (ii) fontes pessoais ligadas à família de Suassuna; (iii) e a obra *Fanatismo religioso: Memória sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado na Comarca de Villa Bella Província de Pernambuco* de Antônio Ático de Souza Leite (1875).¹⁵ A interpretação de Suassuna do significado profundo desses movimentos enquanto reivindicação localista, i.e., não-nacionalista e não-regionalista, está manifesta nas palavras de Dinis ao defender sua descendência da família real do Sertão dos Cariris:

Para que ninguém julgue que sou um impostor vulgar, devo finalmente esclarecer que [...] sou [...] descendente, em linha masculina e direta, de Dom João Ferreira-Quaderna, mais conhecido como El-Rei Dom João II, O Execrável, homem sertanejo que, há um século, foi Rei da Pedra Bonita, no Sertão do Pajeú, na fronteira da Paraíba com Pernambuco. Isto significa que sou descendente, não daqueles reis e imperadores estrangeiros e falsificados da Casa de Bragança, mencionados com descabida insistência na História Geral do Brasil, de Varnhagen;

¹⁴ ARARIPE Jr., Tristão de Alencar. *O Reino Encantado – Crônica sebastianista*. 1878.

¹⁵ Outras fontes incluem: (i) Tristão A. Araripe Jr., na obra *O Reino Encantado* (1878) e (ii) José Lins do Rego, no romance *Pedra Bonita* (1938). Ver a tese da estudiosa Débora Cavalcantes de Moura Clemente (2012).

mas sim dos legítimos e verdadeiros Reis brasileiros, os Reis castanhos e cabras da Pedra do Reino do Sertão, que cingiram, de uma vez para sempre, a sagrada Coroa do Brasil, de 1835 a 1838, transmitindo-a assim a seus descendentes, por herança de sangue e decreto divino. (SUASSUNA, 2010, p.18)

Neste particular, a obra *Pedra do Reino* precisa ser lida e discutida a partir de um olhar arguto, minucioso, que possa perceber a desconstrução presente das ideias de nação e região. Sobre este último termo, Suassuna afirma:

[...] Prefiro empregar o termo [região] assim, menos rígida e mais amplamente, pois sob o nome de regionalismo tem-se englobado tanta coisa de qualidade diferente que é impossível tomar pé ante ele. De modo geral, parece que o regionalismo é uma posição inicial: a daquele que quer criar a partir da realidade que o cerca [...]. (SUASSUNA, 2008, p. 46)

A atitude crítica de Suassuna, ao propor a realização de um reino viável, imune às determinações impositivas de caráter conceitual da modernidade, tem por pressuposto uma concepção dinâmica de tradição e a refutação de seu sentido estático. Dessa forma, a tradição passa a ser vista não como a valorização atávica do antigo, mas como a valorização dos elementos perenes da existência que exigem, em sua atualização, uma constante transformação¹⁶.

Conclusão

O fundamento mítico da narrativa de Suassuna, enraizado na literatura oral de cordel do sertão, constitui ponto de partida e plataforma de apresentação da natureza polissêmica do ser sertanejo. Um detalhamento mais exaustivo dos elementos que o constituem está fora do âmbito introdutório que caracteriza este artigo. Devemos, finalmente, ressaltar que o estilo cordelista que impregna a *Pedra do Reino* – os capítulos são descritos como folhetos de cordel – consagra Suassuna como hermeneuta do cordel e sua obra como integrante de uma tradição oral e dialógica que afirma a positividade comunitária do sertão nordestino.¹⁷ Essa funcionalidade redentora do cordel – a linguagem criadora – está manifesta nas seguintes palavras de Dinis:

¹⁶ Cf. Ariano Suassuna. “Teatro, região e tradição”. In *Almanaque Armorial.*, 2008, p.47.

¹⁷ Sobre a literatura de cordel, Luís Câmara Cascudo afirma: “Embora assinados, esses folhetos revelam apenas a utilização de temas remotos, correntes no Folclore ou na literatura apologética de outrora, trazidos nos contos morais, filhos dos “exemplos”. Com ou sem fixação tipográfica essa matéria pertence à Literatura Oral. Foi feita para o canto, para a declamação, para a leitura em voz alta [...]” (CASCUDO, 2012, p. 14.).

Eu, como Rei, cantador, poeta e guerreiro das Cavalhadas sertanejas, tinha obrigação de restaurar o Reino, o Castelo, o Marco, a Catedral, a Obra, a Fortaleza, da minha Raça! Seria a literatura dos folhetos e romances que iria restaurar de novo, pelo fogo da Poesia, a gloriosa imagem anterior, que aquelas pedras, tortas e manchadas de mijo-de-mocó, aleivosamente queriam diminuir e macular!(SUASSUNA, 2010, p. 117)

A base fenomenológica que fundamenta a narrativa de Suassuna e que aponta para a polissemia de sentido do sertanejo dá suporte metodológico para uma sociologia profunda que poderá, eventualmente, suprir as limitações da sociologia tradicional sistêmica que se expressa, entre outras, através das noções de ‘nação’ e de ‘região’, enquanto forças impositivas de homogeneização das múltiplas sociabilidades do mundo moderno. A afirmação desses espaços plurais de sociabilidade é precisamente um dos aspetos centrais do romance *Pedra do Reino*.

Referências:

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*.(5ª ed.) São Paulo: Cortez, 2011.

ARARIPE Jr., Tristão de Alencar. *O Reino Encantado – crônica sebastianista*, 1878.

BOUDON, Raymond & outros. *Dicionário de Sociologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. (1ª ed.) São Paulo: Global, 2012.

CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. (10ª ed.) Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/32321168/GEOGRAFIA-DA-FOME-Autor-Josue-de-Castro#download>>. Acesso em: 20 out. 2013.

CLEMENTE, Débora Cavalcantes de Moura. *Representações da história da Pedra do Reino no romance O Reino Encantado (1878), de Araripe Jr. João Pessoa*(tese de Doutorado). João Pessoa: UFPB, 2012.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: campanha de canudos - Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão*. (2ª ed.) São Paulo: Editora Ática, 2001.

LIMA, Nísia Trindade. Um sertão Chamado Brasil. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999.

MELO NETO, João Cabral. Obra Completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A Conquista do Espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, Vol. V (suplemento), pp. 195-215, Julho 1998. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6648/LuciaLippi_MANGUINHOSv5s0.pdf?..> acesso em: 20 nov. 2013.

RICOEUR, Paul. Interpretação e Ideologias. (4ª ed.) organização, tradução e apresentação de Milton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

SUASSUNA, Ariano. Almanaque Armorial; seleção, organização e prefácio Carlos Newton Júnior. (2ª ed.) Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

_____. Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta. (13ª ed.) Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

_____. “Entrevista”. Disponível em <<http://www.cartanaescola.com.br/single/show/379>>.